

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

“Não aguento mais ameaças”

Desabafo foi feito por pedagogo que atua em escola de Vila Velha. Ele diz que professores são ameaçados quase todos os dias

**Eliane Proscholdt
Luísa Torre**

“Somos ameaçados de morte quase todos os dias. Não aguento mais. É preciso fazer alguma coisa urgente para reverter essa situação.” O desabafo foi feito ontem pelo professor e pedagogo Avanísio Araújo, 40 anos, ao se referir à Escola Municipal Ilha da Jussara, em Ulisses Guimarães, Vila Velha, onde ele trabalha.

Junto às ameaças de morte, ele denunciou que os educadores têm que conviver com xingamentos, carros arranhados, pneus furados e promessas de agressões físicas.

Ameaças veladas também são constantes, com frases “isso não vai ficar assim”, “cuidado, pois você pode amanhecer com a boca cheia de formiga” e “vou pedir a ajuda dos meus companheiros para te pegar do lado de fora”. Também há situações em que as ameaças são enviadas por cartas.

O muro baixo — cerca de um

metro e meio de altura —, uma rampa que existe na escola, a falta de professores nas salas de aulas e alunos sem uniforme são os principais motivos que estão contribuindo com a violência.

“Os autores são alunos e adolescentes que entram na escola até pulando o muro. Não temos como controlar, porque só cerca de 30% vai para a escola com uniforme. O município ainda não fez a distribuição e isso dificulta a identificação de quem realmente é estudante da nossa escola.”

Muitos estariam entrando na instituição de ensino para namorar, fumar maconha no pátio, banheiro e na rampa e, ao serem reprimidos, reagem com ameaças.

Alegando estar preocupado com a situação, Avanísio fez uma denúncia no Ministério Público Estadual no início da semana pedindo que o órgão ajude a solucionar esses problemas.

O professor afirmou que ontem foi ameaçado por um aluno do 6º ano que tem 14 anos de idade. “Ele estava no pátio e pedi para ele ir para a sala de aula. Ele disse que não iria porque não tinha professor e falou: ‘Vou em casa pegar minha arma e te dar um tiro para você parar de me encher o saco’”.

Na semana que vem, ele irá enviar o relatório ao Conselho Tutelar e pedir a transferência desse aluno para outra escola.



AVANÍSIO ARAÚJO fez denúncia no Ministério Público pedindo ajuda para os problemas enfrentados na escola

AVANÍSIO ARAÚJO PEDAGOGO

“As meninas são as piores”

A TRIBUNA - Qual o perfil dos autores das ameaças?

AVANÍSIO ARAÚJO - Temos alunos e alunas, mas as meninas são as piores, representando 60% das ameaças, algumas de morte. Elas têm entre 11 e 13 anos. Já a faixa etária dos meninos mais problemáticos vai de 12 a 15 anos.

As meninas brigam por causa de namorados, inveja, notas, maquiagem e beleza e não gostam de ser reprimidas.

> Como reage diante das denúncias?

Sou meio rígido com eles, até porque sou chamado pelos colegas após confusões. Uma professora me chamou hoje (ontem) na sala porque dois alunos saíram no tapa. Ela colocou os meninos para fora e um

dos alunos já tinha feito uma carta em outra ocasião com ameaças.

> Já houve outros casos?

Um outro educador que está substituindo outro profissional também teve problemas. Ele estava passando em uma sala de aula e um aluno disse que iria pegar uma cadeira para sentar em sua cabeça. Ele voltou e questionou. Houve uma discussão e teve ameaças.

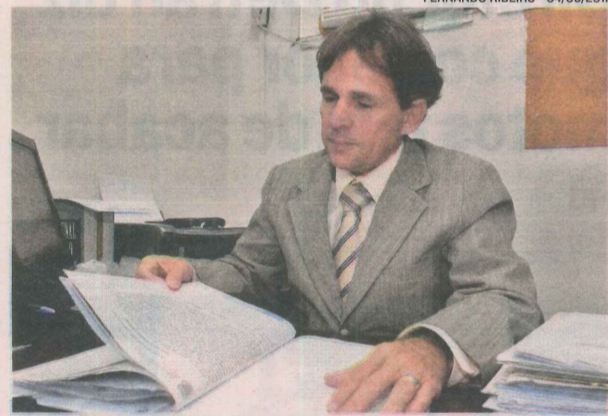
“Temos professores que apresentam atestado médico e os alunos ficam sem aula, indo para o pátio e pulando o muro”

> Já pensou em desistir da profissão?

Jamais irei desistir. Estou fazendo essa denúncia, preocupado com o aprendizado dos alunos. Além de mandar a denúncia para o Ministério Público Estadual, eu enviei para a Secretaria Municipal de Educação.

> O que espera que seja feito?

Quero que o muro seja elevado, que os alunos não fiquem sem aula por falta de professores. Atualmente, falta um professor de Ensino Religioso, dois de Matemática e um de História. Temos professores que constantemente apresentam atestado médico. Com esse quadro, os alunos ficam sem aula e vão para o pátio, corredores e até pulam o muro e vão para a rua.



FERNANDO RIBEIRO - 04/05/2011

O DELEGADO WELLINGTON LUGÃO diz que muitos professores têm medo de denunciar ameaças e agressões por medo de represálias

Professores agredidos pedem ajuda à polícia

Vinte e cinco professores de uma escola de Jardim Carapina, na Serra, pediram ajuda à polícia para acabar com as invasões, que, neste mês, já aconteceram duas vezes.

Na última invasão, que ocorreu na quarta-feira, dois professores foram agredidos verbal e fisicamente e o grupo decidiu registrar boletim de ocorrência.

De acordo com uma professora, pessoas alheias à escola invadiram o local para agredir um aluno.

“Houve agressão verbal e ameaça direta. Uma professora tentou separar a briga e levou chutes e empurrões. Eles entraram por causa de ciúmes de uma determinada aluna. É muito triste ver um pai chorando ao saber que o filho corre risco de vida”.

Segundo ela, a escola havia sido invadida anteriormente no último dia 5, o que causou o cancelamento da festa junina da escola.

A Secretaria de Educação da Serra informou que vai encaminhar um relatório e outros documentos para o Juizado da Infância e Juventude do município para que a Justiça tome as providências cabíveis sobre o caso.

O titular da Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), delegado Wellington Lugão, disse que neste ano recebeu cerca de 10 denúncias de professores.

Porém, ele acredita que o número seja bem maior, já que muitos não denunciam, pois têm medo de represálias. “Eles devem denunciar. Não podem se acovardar.”

Prefeitura vai investigar o caso

Diante das denúncias feitas pelo pedagogo Avanísio Araújo sobre a Escola Municipal Ilha da Jussara, o subsecretário pedagógico da Secretaria de Educação de Vila Velha, Emerson José Mayer, afirmou que, na próxima semana, uma equipe irá até a escola para saber o que está acontecendo.

Segundo ele, a denúncia não chegou à secretaria e nem à ouvidoria. Ele também afirmou que, na última segunda-feira, foi feita uma reunião com todos os diretores da rede e a diretora da escola denunciada não mencionou nada sobre os problemas.

“O cenário assusta. Nós temos parceria com a Polícia Militar e vamos ver como reforçar a seguran-

ça pública no entorno da escola. Também temos projetos de videomonitoramento que incluem essa escola. São monitorados acessos, entrada e saída, pátios e corredor, banheiro e sala de aula”.

O subsecretário afirmou que es-



EMERSON JOSÉ, inspeção

tão sendo instaladas as câmeras “tagarelas” em 25 escolas, lista que inclui a Ilha da Jussara.

“Em relação à rampa, nós iremos à escola com uma turma de técnicos e engenheiros para inspecionar e apurar situações. Temos que ver se ela dá acesso a portadores de necessidades especiais e se é vulnerável. É preciso buscar soluções que beneficiem alunos in loco. Os alunos e educadores são os bens mais preciosos que temos”.

Em relação ao uniforme, Mayer afirmou que certamente mais de 30% dos alunos têm uniforme. “Estamos comprando uniforme, mas a entrega depende de algumas questões do processo de entrega do material”.

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS AJ22136-2

Por medo, 200 estão afastados

Cerca de 200 professores, coordenadores e diretores pediram afastamento das atividades apenas este ano por causa do medo da violência dentro das escolas da Grande Vitória.

De acordo com dados do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes), dos 700 afastamentos de profissionais da educação por problemas de saúde somente neste ano, mais de 25% estão relacionados à violência nas escolas.

“Cerca de 200 profissionais entraram com licença médica relacionada a algum tipo de violência. Além de ameaças, neste ano já registramos 28 casos de agressão a professores”, disse o diretor jurídico do sindicato, Marcelo Castro.

“O problema é grave e passa pela falta da família presente, o desrespeito aos próprios colegas e o envolvimento com o tráfico. Se o professor chama a atenção do aluno, é ameaçado”, explicou.

Segundo ele, o estresse de viver sempre sob tensão provoca doenças como síndrome do pânico, problemas nas articulações e dores crônicas.

O diretor de funcionários de escola do Sindiupes, Paulo Loureiro, afirmou que muitos conflitos co-

meçam por causa de correção da indisciplina. “Eles não aceitam quando pedimos para tirar o boné, para não mascar chiclete ou para não usar celular”.

Ameaças e agressões de alunos e até destruição do veículo do professor são ocorrências que o delegado Wellington Lugão já atendeu.

“O aluno pode responder por crime de ameaça, lesão corporal ou dano ao patrimônio público. Em casos mais leves, ficam na advertência ou reparação do dano. Já em casos mais extremos, cabe até internação de, no máximo, 3 anos”.

Segundo ele, a maioria das ocorrências que chega é na rede pública, mas na particular elas também existem. “Eles preferem não gerar marketing negativo”.

A promotora de Justiça da Educação de Vitória, Maria Cristina Rocha Pimentel, afirmou, no entanto, que poucas denúncias chegam ao Ministério Público.

“A gente ouve muitos comentários de que a violência está grande, mas isso não chega à Justiça. Os professores acham que situações de violência são consideradas normais e não formalizam o pedido de providências”, afirmou.

Para denunciar, o telefone do Ministério Público é o 127.

PEDIDO



FOTOS: ELIANE PROSCHOLDT

“Fui agredida pelas costas por uma mãe”

Ao ver um aluno de 7 anos sem uniforme em uma escola de Cariacica, uma coordenadora perguntou o motivo. Ele disse que a peça estava suja e que sua mãe não gostava de lavar roupa. “Quando o pai foi pegar o menino, eu contei o que ele

tinha dito, em tom de brincadeira.”

No outro dia, a mãe da criança foi à escola e agrediu a professora. “Fui agredida pelas costas por uma mãe de aluno. Ela me puxou bem forte pelos cabelos e bateu no meu pescoço. Ela dizia que eu tinha falado para o

marido que ela era vadia, que não fazia nada em casa.”

E completou: “Fiquei 25 dias afastada com depressão, pedi transferência, mas as opções que me deram eram de locais problemáticos. Retornei ao trabalho na segunda-feira.”

DESMOTIVADO



Ofensas

Após seis anos atuando em uma escola da rede pública de Cariacica, um professor de Educação Física de 39 anos sofreu ofensas pela primeira vez na última quinta-feira.

“Os alunos estavam assistindo a um ensaio de quadrilha quando cinco meninas foram para o banheiro se maquiar.”

Ao chamar a atenção, o professor foi surpreendido com a reação das alunas. “Elas me zoaram. Disseram que eu era tolo, que era um bobo. Todas foram levadas para a coordenação. Isso desmotivou.”



Trabalho com turma deu resultado

Simulação de arma

Quando chegou à sala de aula, uma professora de Língua Portuguesa teve que enfrentar ameaças de três alunos de 14 anos. Eles faziam gestos simbolizando estarem armados quando eram repreendidos.

A professora, que tem 52 anos e 15

de profissão, disse que não se intimidou. “Falei: ‘você não irão me vencer’. Não foi fácil, mas fiz um trabalho intenso com a turma e tudo mudou.”

Para ela, que trabalha em uma escola da rede pública em Vila Velha, os alunos precisam de limites, mas também de afeto.



Livro lançado

“Não dá para ficar assim. Um aluno me jogou um livro durante a aula.” A frase foi dita na tarde de ontem por uma professora do ensino fundamental, no horário da saída em uma escola pública de Cariacica.

Nervosa, ela contou que esse aluno já foi suspenso duas vezes. “Ele estava brigando e lançou um livro. Meu braço está doendo.”

Programas para promover a paz

Para diminuir situações de desrespeito e ameaças a professores, as secretarias municipais e estadual de Educação investem em programas de promoção da paz e em projetos culturais ou esportivos.

Nas escolas municipais de Vitória, por exemplo, a Secretaria de Educação informou que o conceito de paz e integração é trabalhado através de projetos pedagógicos e ações, como a Caminhadas da Paz, recentemente realizada em São Pedro, e o Comitê da Paz Mirim.

Já em Cariacica, programas de musicalização, formação de bandas marciais e mobilização aliam

conhecimento com cultura e lazer e aproximam as famílias da escola. Nesses projetos, também são oferecidas atividades esportivas, oficinas de artesanato, dança, música, capoeira e reforço escolar.

Em Vila Velha, o subsecretário pedagógico, Emerson José Mayer, destacou que as escolas têm vários programas, entre os quais de dança, musicalização e inglês, todos no contraturno.

Nas escolas estaduais, a Secretaria de Estado da Educação informou que desenvolve políticas de boas práticas de comportamento, disciplina e relacionamento.

Uma das ações é o Dia da Família na Escola, que visa à aproximação da família ao ambiente escolar.

Além disso, é realizado o trabalho da Patrulha Escolar para atuação dentro das escolas, que visa ampliar a sensação de segurança, com foco em ações preventivas.

As prefeituras e o Estado informam que, em casos de ameaças ou agressão, os pais são chamados para conversar. Dependendo do caso, aluno ou professor pode ser transferido de unidade. Quando necessário, o professor pode ser encaminhado para acompanhamento psicológico.

ANÁLISE

“Espaço escolar deve ser respeitado”

“Entende-se que o espaço escolar é um ambiente que deve ser respeitado, pois é um lugar de aprendizagem e formação. Esse espaço está se tornando um local onde todos se acham com o direito de entrar e fazer o que quiserem.”

Quando os pais agredem o professor, a agressão física sinaliza a fragilidade e incapacidade de um diálogo. Os filhos reproduzem aquilo que está em sua convivência. Se os pais não têm limites, também não podem ensinar os filhos a ter.

Penha Peterli,
psicopedagoga clínica e
terapeuta familiar



Se o pai não consegue dialogar com o professor, significa que ele resolve as situações assim. E é isso que os alunos estão repetindo com seus colegas.

Os valores éticos e morais, o respeito ao outro e a espaços como a escola estão sendo ignorados. Isso só traz prejuízo para as instituições que se preocupam em educar e com os educandos. Os professores ficam receosos e amedrontados, podendo perder a motivação em ministrar suas aulas”.